

Introdução



O presente capítulo objetiva conceituar gênero a partir de concepções correntes, que remonta a antiguidade grega, quando já existia uma preocupação quanto à questão do gênero como um guia para a produção de textos.

Espera-se que o trabalho com a leitura, a compreensão e a produção escrita em Língua Materna deva focalizar, em primeiro lugar, o desenvolvimento de habilidades do aluno, proporcionando-lhe a capacidade de empregar um número crescente de recursos da língua para produzir efeitos de sentido de forma adequada a cada situação específica de interação humana.

### TEXTO

Nos estudos da linguagem, texto é o centro de interesse de estudos e de correntes linguísticas e constitui-se na unidade de comunicação empírica; designa uma unidade linguística organizada e a sensação de coerência centrada no receptor do texto.

É por meio do texto que as pessoas se comunicam e todo texto pertence a um gênero, não se confundindo texto com gênero. Para lembrar, texto é: unidade, singular, concreto empírico. Possui começo e fim. São textos: a Bíblia, o Hino Nacional, a Carta de Pero Vaz de Caminha, o poema Vozes d’África, uma placa de trânsito. Veja que não há limite de tamanho do texto, o qual pode ser constituído por apenas uma palavra, **PARE**; por um verso, **OUVIRAM DO IPIRANGA AS MARGENS PLÁCIDAS**...; ou assumir dimensões bem maiores, como um livro.

Para Bakhtin[1]:

um texto termina quando o enunciador considera sua produção verbal suficiente, que se concretiza por meio de uma concordância, adesão, objeção, execução, etc., pois todo texto pressupõe uma resposta.

Segundo José Carlos de Azeredo:

nossas necessidades comunicativas são múltiplas e os conteúdos de nossos atos verbais ilimitados (2008, p. 84).

Mas é preciso pensar que a vida em comunidade é caracterizada pela repetição, assim como pela padronização dos momentos interativos e, do mesmo modo, pela previsibilidade dos atos verbais.

[1] BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.



 A nossa atividade discursiva, na maioria das vezes, acontece como um ritual, isto é, nas situações individuais e nas situações coletivas existe uma padronização das necessidades comuns pelo emprego das mesmas expressões e pela construção de textos que realizam tarefas comunicativas comuns, pois a vida em comunidade pressupõe hábitos e práticas comuns. Assim, a originalidade total da expressão é impossível quando o objetivo é a compreensão imediata a fim de se obter uma dinâmica na convivência social e cultural.

Nessa perspectiva, podemos inferir o motivo que nos leva a produzir textos conforme modelos social e histórico, a esses nomeamos “gêneros textuais”, os quais nos são *impostos por uma espécie de convenção consagrada, inerente ao ritualismo da vida social* (AZEREDO, 2008, p. 84).



Bulas de remédio, receitas culinárias, juramentos, atas, requerimentos, anúncios funerários etc. são gêneros textuais próprios de atos ou eventos discursivos referentes a determinados domínios.

Tendo em vista o exposto, podemos afirmar que o gênero predispõe o leitor/ouvinte para o processamento do que o texto comunica.

EXEMPLO: um conto de fadas inicia com a seguinte frase: “era uma vez...” – isso leva o leitor a imaginar uma trama fantasiosa com final feliz. De outro modo, uma piada, que pressupõe o riso, pode começar assim: “Joãzinho, na sala de aula, pergunta para a professora...”

As palavras existem para expressar ideias, e os gêneros misturam-se, criam-se, mudam-se, renovam-se porque acompanham o movimento de renovação da vida, tanto sob o aspecto cultural como pela dinâmica interna de determinadas situações, e também porque respondem ao dinamismo da comunicação verbal.

### GÊNERO TEXTUAL

O gênero textual existe desde quando o homem começou a se comunicar, valendo-se das línguas naturais. Há três elementos que constituem os gêneros, referentes à natureza do discurso: a) aquele que fala; b) aquilo sobre o que se fala; e c) aquele a quem se fala.

A relação dos três elementos centraliza a compreensão do gênero, promovendo parâmetros para a identificação tanto dos ouvintes, como dos conteúdos temáticos de cada gênero abordado, segundo Marcuschi.

Para melhor compreensão, é importante acompanhar o desenvolvimento histórico, muito bem explicitado pelo teórico Tzvetan Todorov[2].

Todorov ao explicar a gênese dos gêneros afirma que o conceito de gênero era o mesmo de gênero literário, referindo a existência primordial desse, desde as clássicas cantigas, odes, sonetos tragédias e comédias.

Essa tradição manteve-se até a metade do século XX quando o questionamento voltou-se para a eficiência de tal concepção, pois o gênero não seria mais uma categoria determinante para as diversas manifestações literárias. Sob esse aspecto, no final do século XX, a ideia de gênero cresceu além dos domínios aristotélicos, abrangendo vários campos do saber e tornando-se essencial para as investigações multidisciplinares, como a literatura, a retórica, a sociologia, a linguística e demais disciplinas relacionadas às línguas em geral.

Assim as questões sobre gênero *voltam-se para as ideias que são empregadas para determinar o conceito* (SPARANO, 2012, p. 18). Marcuschi (2008) elenca algumas características que podem definir o conceito de gênero:

* Uma categoria cultural
* Um esquema cognitivo
* Uma forma de ação social
* Uma estrutura textual
* Uma forma de organização social
* Uma ação retórica

As categorias sintetizadas por Marcuschi permitem uma reflexão sobre o caráter multifacetado e multidisciplinar dos gêneros, sendo estes, pois, caracterizados por suas funções, conforme afirma Bazerman (2006, p. 23):

Gêneros não são apenas formas. Gêneros são formas de vida, modos de ser. São frames para a ação social. São ambientes para a aprendizagem. São os lugares onde o sentido é construído. Os gêneros moldam os pensamentos que formamos e as comunicações através das quais interagimos. Gêneros são os lugares familiares para onde nos dirigimos para criar ações comunicativas inteligíveis uns com os outros e são os modelos que utilizamos para explorar o não familiar.

Bazerman (2006) destaca várias categorias possíveis para o gênero, como a função cognitiva, já que os gêneros permitem a elaboração de sentidos e ajudam a formação de modelos do nosso pensamento. Também a função comunicativa, que pressupõe as categorias de ação e de organização social, pois destaca a importância dos gêneros como ação entre os indivíduos em contextos definidos. Para finalizar, existe a função institucional, que sinaliza como as ações acontecem na sociedade.

Você poderá perguntar se os gêneros são concretos como os textos. A explicação é clara: o texto é uma entidade concreta que se materializa em algum gênero. Sob essa perspectiva, o gênero é abstrato, virtual, variável, instável que se distingue de outros dependendo do canal, estilo, conteúdo, composição e função.



Chega-se ao gênero a partir do texto.

|  |
| --- |
| **Os gêneros textuais são:**  **Realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sócio-comunicativas; constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções comunicativas; sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função.[3]** |

O professor Luiz Carlos Travaglia refere que o **gênero** se caracteriza por exercer uma função social específica. Para ele, essas funções sociais são pressentidas e vivenciadas pelos usuários, ou seja, intuitivamente, sabemos que gênero empregar em momentos específicos de interação, conforme a função social.

Nessa perspectiva, tomemos como exemplo a carta, que foi ampliando o número de funções e se multiplicando em subgêneros: carta de amor, carta comercial, carta aberta, carta de cobrança etc. A carta evoluiu para o *e-mail*, que, igualmente, está ampliando suas funções conforme as necessidades de circulação, os parceiros que arregimenta e os domínios em que são gerados.

Sob esse ponto de vista: os gêneros existem em uma perspectiva sócio-histórica e, por isso:

sofrem mudanças que garantem sua permanência ou desaparecimento sendo substituídos por outros de semelhante função em novos tempos para novos interlocutores em novas condições socioculturais. Por vezes isso ocorre dentro do domínio discursivo ao qual o gênero pertence. As transmutações dos gêneros, além de revelarem as mudanças nos domínios discursivos, deslocam a estruturação para outros domínios. (SPARANO, 2008, p. 23)

Assim, podemos pensar em um poema com a estrutura de uma receita, como *Receita de espantar a tristeza*, de Roseanna Murray, que mostra um conjunto de verbos (modo imperativo): faça, mande, vá, plante, estique etc., destacando ordens ou conselhos. São traços comuns às receitas.





Sobre a mudança no sistema da língua, refere-se aos textos jornalísticos. As notícias e reportagens contemporâneas são diferentes das do início do século XX; mudaram noções de ortografia, sintaxe e morfologia, assim como o estilo da linguagem jornalística.

### **TIPOS DE TEXTO**

Os gêneros textuais são múltiplos, no entanto, *o encadeamento das unidades de informação no interior dos textos segue padrões que variam entre uns poucos modos de organização* (AZEREDO, 2008, p. 86). Por tradição, distinguem-se três tipos de texto: **narração**, **descrição** e **dissertação**. A narração e a descrição integram o bojo dos conteúdos que podem ser representados por outras linguagens, como o cinema e as artes plásticas. Já a dissertação exige, para sua composição, sentidos que só podem ser produzidos por meio de palavras. Modernamente, outras categorias são propostas, como a **argumentação** e a **injunção**.



**NARRAÇÃO**: sequenciação própria da enunciação de fatos que envolvem personagens movidos por certos propósitos e respectivas ações encadeadas na linha do tempo, seja por simples sucessão cronológica, seja por relações de causa e efeito. Nela predominam verbos de ação.

EXEMPLO DE NARRAÇÃO

Abaixo um fragmento do conto *Uns braços*, de Machado de Assis, disponível, na íntegra, no *site*: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/>

***Também a culpa era antes de D. Severina em trazê-los assim nus, constantemente. Usava mangas curtas em todos os vestidos de casa, meio palmo abaixo do ombro; dali em diante ficavam-lhe os braços à mostra. Na verdade, eram belos e cheios, em harmonia com a dona, que era antes grossa que fina, e não perdiam a cor nem a maciez por viverem ao ar; mas é justo explicar que ela os não trazia assim por faceira, senão porque já gastara todos os vestidos de mangas compridas. De pé, era muito vistosa; andando, tinha meneios engraçados; ele, entretanto, quase que só a via à mesa, onde, além dos braços, mal poderia mirar-lhe o busto. Não se pode dizer que era bonita; mas também não era feia. Nenhum adorno; o próprio penteado consta de mui pouco; alisou os cabelos, apanhou-os, atou-os e fixou-os no alto da cabeça com o pente de tartaruga que a mãe lhe deixou. Ao pescoço, um lenço escuro, nas orelhas, nada. Tudo isso com vinte e sete anos floridos e sólidos.***

**DESCRIÇÃO**: tipo de construção textual em que se encadeiam os traços que servem para caracterizar a composição de um ambiente, de um ser vivo, de um objeto, de um conceito, de um evento. Aqui predominam os verbos de situação e as expressões qualificativas.

EXEMPLO DE DESCRIÇÃO:

Abaixo um texto descritivo, de ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *Contos Exemplares*. Lisboa, Portugália Editora, 1966.

**A casa era grande, branca e antiga. Em sua frente havia um pátio quadrado. À direita havia um laranjal onde noite e dia corria uma fonte. À esquerda era o jardim de buxo, úmido e sombrio, com suas camélias e seus bancos de azulejo. A meio da fachada que dava para o pátio havia uma escada de granito coberta de musgo. Em frente dessa escada, do outro lado do pátio, ficava o grande portão que dava para a estrada. A parte de trás da casa era virada ao poente e das suas janelas debruçadas sobre pomares e campos via-se o rio que atravessa a várzea verde e viam-se ao longe os montes azulados cujos cimos em certas tardes ficavam roxos. Nas vertentes cavadas em socalco crescia a vinha. À direita, entre a várzea e os montes, crescia a mata, a mata carregada de murmúrios e perfumes e que os Outonos tornavam doirada.**

**ARGUMENTAÇÃO:** encadeamento de proposições com vista à defesa de um ponto de vista e ao convencimento do interlocutor. As expressões que são comuns a esse tipo de texto são: caso, se; embora; mas; mesmo que; por outro lado; portanto; por isso etc.



* Importante dica de leitura no *site*: <http://www.todamateria.com.br/texto-injuntivo/>

Estudar gênero, de um lado, consiste em estudar a organização textual, a temática pertinente, o estatuto dos interlocutores, as formas de circulação, a função social etc. Por outro lado, estudar o texto significa observar como esses elementos foram mobilizados na materialidade do enunciado e da situação comunicativa.

O gênero textual constitui-se em uma categoria cultural, um esquema cognitivo, sendo uma forma de ação e organização social e ação retórica. Assim, cada gênero encerra características próprias de acordo com o domínio em que circula e no qual foi gerado. Por tudo isso, os gêneros podem apresentar um dos traços caracterizadores como ponto de partida; sua função é o resultado dessa variação.

### GÊNEROS E DIALOGISMO

Os textos não são produzidos ao acaso, pois existe um constante diálogo entre eles e para que possamos compreender esse processo, é necessário conhecer um pouco o que é a intertextualidade entre os gêneros.

Quando um gênero exerce a função de outro, segundo Marcuschi (2010, p. 33), a isso se denomina intertextualidade intergêneros, uma configuração híbrida que apresenta flexibilidade e dinamismo nessa capacidade de adaptação. Isso pode se apresentar de duas maneiras:

|  |
| --- |
| **Intertextualidade intergêneros = um gênero com a função de outro**  **Heterogeneidade tipológica = um gênero com a presença de vários tipos** |

No primeiro, ocorre uma mescla de funções e formas de diversos gêneros em um apenas. Já o segundo se caracteriza por um gênero que se vale de vários tipos de texto.

O poema, em forma de xícara com café fumegante, revela-se não só pelas palavras (versos) que cumprem sua função do poema, mas também pela forma. O gênero poema assumiu a função de outro gênero, posto que a técnica da poesia concreta foi utilizada para um tipo referente ao domínio do discurso das artes plásticas ou até mesmo para o discurso publicitário, ambos possuem um tipo textual diferente do usual.

Notamos que a poesia concreta, por sua natureza, trabalha com uma linguagem persuasiva, que é a imagem, a forma, o visual. Sob esse ponto de vista, a poesia concreta dialoga com diversas formas de arte, como a pintura, a música, o *design* e a publicidade, com o objetivo de se atualizar de acordo com o mundo contemporâneo.

Quanto à heterogeneidade tipológica, isto é, um gênero contém vários tipos textuais, observemos um trecho do capítulo I, Óbito do Autor, da obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, abaixo, e disponível na íntegra, no *site* <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000215.pdf>.

|  |
| --- |
| ***Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no intróito, mas no cabo; diferença radical entre este livro e o Pentateuco.***  ***[...]***  ***Bom e fiel amigo! Não, não me arrependo das vinte apólices que lhe deixei. E foi assim que cheguei à cláusula dos meus dias; foi assim que me encaminhei para o undiscovered country de Hamlet, sem as ânsias nem as dúvidas do moço príncipe, mas pausado e trôpego, como quem se retira tarde do espetáculo. Tarde e aborrecido.***  ***[...]***  ***E a imaginação dela, como as cegonhas que um ilustre viajante viu desferirem o voo desde o Ilisso às ribas africanas, sem embargo das ruínas e dos tempos, - a imaginação dessa senhora também voou por sobre os destroços presentes até às ribas de uma África juvenil... Deixá-la ir; lá iremos mais tarde; lá iremos quando eu me restituir aos primeiros anos. Agora, quero morrer tranquilamente, metodicamente, ouvindo os soluços das damas, as falas baixas dos homens, a chuva que tamborila nas folhas de tinhorão da chácara, e o som estrídulo de uma navalha que um amolador está afiando lá fora, à porta de um correeiro. Juro-lhes que essa orquestra da morte foi muito menos triste do que podia parecer. De certo ponto em diante chegou a ser deliciosa. A vida estrebuchava-me no peito, com uns ímpetos de vaga marinha, esvaía-se-me a consciência, eu descia à imobilidade física e moral, e o corpo fazia-se-me planta, e pedra, e lodo, e coisa nenhuma. [...]*** |

O excerto do capítulo destacado do livro *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, revela que o autor se inspirou não apenas em episódios bíblicos (Moisés, Pentateuco) para compor sua obra de arte, mas também na obra de Shakespeare (*Hamlet*), na antiga e sábia África, com sua cultura simbólica e repleta de mitos, na mitologia grega (Ilisso) e muito mais se lermos a obra inteira. O resultado é a intertextualidade com diversos textos (um misto de culturas). Dessa forma, Machado de Assis subverte cada episódio original para construir um novo texto.





Para finalizar, os gêneros possuem potencial de hibridização e as mesclas ocorrem quando se misturam elementos distintos, ou seja, a estrutura de um gênero e a função de outro que resultará na identificação do segundo, pois a função é o elemento definidor do hibridismo.

[1] BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

[2] TODOROV, Tzvetan. **Os gêneros do discurso.** São Paulo: Martins Fontes, 1980.

[3] MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Linguística de texto:** o que é e como se faz. Debates 1. Recife: UFP, 1986.



AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa.** São paulo: Publifolha, 2008.

BAZERMAN, C. **Gênero, agência e escrita.** Trad. Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2006.

FÁVERO, L. L.; KOCH, I. V. Contribuição a uma tipologia textual. In **Letras & Letras.** Vol. 03, nº 01. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 1987.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. et al. **Gêneros textuais e ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. et al. **Gêneros textuais e ensino.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NASCIMENTO, Elvira Lopes (org.). **Gêneros textuais:** da didática das línguas aos objetos de ensino. São Carlos: Claraluz, 2009.

SPARANO, Magalí et al. **Gêneros textuais:** construindo sentidos e planejando a escrita. São Paulo: Terracota, 2012.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas: Mercado de Letras, 2004.

TRAVAGLIA, L. C. **Um estudo textual-discursivo do verbo no português.** Campinas, Tese de Doutorado / IEL / UNICAMP, 1991.

